

# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Pato; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.;—*Num leque*, versos, por J. Lima;—*Maravilhas da sciencia*, por Pinheiro Chagas;—*Estudos litterarios*, por D. Guiomar Torrezão;—*Os excentricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Sonho impuro*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Chronica dos theatros*, por E. de C.;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O Pancada*, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Leite Bastos*;—*O imperador da Allemanha*;—*A infancia e a velhice*;—*Desastres aereos*;—*Samoyedes*.

## CHRONICA

Em boa verdade, ou d'esta vez não tenho assumpto, ou então tenho assumptos de mais, cujas reminiscencias vagas se me baralliam e confundem nocerebro, como no cerebro do sr. Marcos Maria Fernandes devem baralharso a estas horas, confusamente, todos os episodios comico-burlescos do casamento de D. Laura, sua filha, ha pouco realiado.

Talvez se dê a segunda hypothese: são os assumptos que abundam. Effectivamente, tem succedido ahi muita coisa, por esse mundo fóra, desde o cabo da Roca, que está ainda no logar do costume, segundo affirmam, até á Bulgaria, onde ainda não ha nem Rei nem Roque, ao que parece. Sobre tudo, choveu muito, a ceus despregados; cahiu chuva a rodo, com uma abundancia de inverno rico, que não regateia decilitros d'agua como o vilão ruim do Alviella. O Creador, a quem não passam despercebidas as immundicies que vão cá por baixo, no macadam e nas consciencias, nas secretarias e nos prostibulos, de portas a dentro e de portas para fó-

ra, obstinou-se em querer lavar tudo d'uma assentada. Mas isto não vae assim ás primeiras bategas; precisa de muitas barrellas. A chuva foi-se, a engrossar as aguas do Tejo, e as immundices ficaram todas. O mais que Deus



LEITE BASTOS

Nosso Senhor conseguiu foi resfriar a humanidade, fazer crescer os batates, e invalidar para todo o sempre os nossos chapéus altos, revelando n'isto o seu divino amor pelos srs. chapelheiros, que tiveram antes de tempo as suas *etrennes*.



Como prova de que o inverno tinha chegado de vez aos nossos dominios, não precisavamos cá da chuva para nada, absolutamente para nada. O friosinho cortante das tardes e das noites, um frio que está a pedir *punch* americano e exuberancia de flannels, era já testemunho sufficientissimo de que o inverno chegára. Não podia haver sobre a sua vinda a mais leve duvida. A côr rubra dos narizes do proximo era já por si um symptoma eloquente. Depois, ha muito que no asphalto se viam passar, em exposição franca, de dia e de noite, á claridade baça da manhã e á luz funebre do gaz municipal, as *fourrures* das nossas damas *d'élite*. Extinctos os ultimos lampejos do verão de S. Martinho, d'aquelle curto periodo encantador e alegre, em que o ceu tinha tons claros e diamantinos de primavera, e a terra nos enviava o perfume casto das primeiras violettas, começára logo o reinado dos *manteaux* e a *étalage* dos *manchons* symbolicos. Era o negro dezembro que nos batia á porta, com o seu cortejo de defluxos e espirros. Era o Natal que se aproximava, com a sua guarda avançada de perús e de brôas.

Já veem, pois, que a existencia da invernia estava perfeitamente demonstrada, e que as chuvas da ultima semana não passaram d'uma superfluidade, d'um logar commum, d'um excesso, escusado, da rethorica divina.

Tambem a rethorica jornalistica teve, d'esta vez, os seus exaggeros superfluos, trazendo de novo á tela da discussão o assumpto das *cocottes* e das *cocodettes*. Já para ahi se aventára, em tempos, a ideia de expurgar de peccadoras o nosso theatro lyrico. Depois, opinou-se que lhes fosse vedado o ingresso em todas as outras salas de espectáculo. Em seguida, o puritanismo da imprensa periodica exigio que ellas não podessem espairecer á noite, na explanada dos Recreios. Agora, uma folha seria e grave, órgão do sr. presidente do conselho, nem mais nem menos, pede á policia que affaste da Avenida as mulheres *non sanctas*, antevendo fugir d'ali, escorraçadas pelo seu contacto immundo, as senhoras da nossa sociedade elegante, as damas gentis do alto mundo lisbonense, as amazonas garbosas, e as familias honestas da baixa.

A proposito d'isto, a folha a que alludimos espraia-se em considerações d'uma indignação feroz contra as pobres mariposas do asphalto, assim como quem está a metter requerimento para desposar a filha d'um bachalheiro rico e de costumes austeros.

A' primeira vista, parece que tudo aquillo é sincero, mas não é: pretexto para encher um columna, ou intenção reservada d'agradar aos paes defamilia sisudos. O puritanismo do seculo; um puritanismo da bocca para fóra. Prudhomme a discretar sobre as podridões da sociedade moderna. *Al fin y al cabo*, rethorica: a eterna *bêtise* humana a evidenciar-se uma vez mais.

Antes de se exigir a expurgação da Avenida e de S. Carlos, parecia-me conveniente saber-se primeiro onde começa e onde acaba a mulher honesta, onde acaba e onde começa a cortezã. O limite é mais tenue do que se imagina. A questão é muito mais delicada do que se pensa. Para se saber isto, seria preciso que a policia tivesse no seu gremio psychologos eminentes ás duzias, verdadeiros Balzacs aos centos. Ora o sr. Moraes Sarmiento não é nenhum psychologo illustre, que nós sabamos, e o nosso amigo Pedroso de Lima não quererá de certo passar por nenhum Balzac.

De resto, cada qual pode apparecer onde muito bem lhe apraz, comtanto que não faça escandalo, que não offenda a moral publica, essa matrona veneranda e meticolosa. O Bois de Boulogne, o famoso Bois, por exemplo, é um terreno neutro, sobré o qual se encontram as damas sahidas do Gotha e as que sahirem d'uma simples trapeira. Ninguem ainda ali se lembrou de impedir que

o *landau* da duqueza X... se cruzasse com a carruagem de Niniche, tanto mais que a duqueza e a Niniche não são, ás vezes, tão estranhas uma á outra, como os profanos imaginam.

Ora a nossa burgueza e nascente Avenida não tem, creio eu, pretensões d'avantajar-se ao aristocratico e velho Bois de Boulogne. Deixemos, pois, correr o marfim, e não nos imaginemos com sciencia bastante para distinguir o trigo do joio. A questão é delicada, muito delicada mesmo. Enquanto o trigo comprar a sua *veloutine*, o seu *kolh* e o resto onde o joio fôr compral-as, a differença eutre um e outro não será grande.

Eu convenho que seja desagradavel ir a S. Carlos, com a nossa irmã ou com a nossa filha, e assental-as nas cadeiras, ao lado d'uma hetaira: concordo em que seja penosissimo vel-as na Avenida, acotovelladas a cada instante por um bando de peccadoras impudentes, que tresandam a feno, fallam de rijo e comprimentam os do Turf-Club com pequeninos gestos de *gamines*. Mas se tudo isso é desagradavel e penoso, não levemos nossas irmãs para as cadeiras de S. Carlos, não façamos passeiar nossas filhas nas aléas da Avenida.

Diga-se em tudo a verdade,—já que estamos com a mão na massa,—e nada de puritanismos hypochritas.

Quer-se pôr um dique a essa invasão de peccadoras, que desde alguns annos, mais numerosas que os gafanhotos do Egypto, ameaçam a nossa sociedade? Não é com a rethorica banal da imprensa que se chega a um tal resultado. O remedio é outro, e simplissimo.

As peccadoras só apparecem e se impõem onde sabem que as toleram. Convençam-se d'isto. Se um bando de gommosos idiotas não tivessem levado muitas d'estas *coureuses*, que não ousariam propôr em casamento aos seus lacaios, a certos logares respeitaveis e respeitados; se a *fashion* dourada não as comprimentasse e recebesse; se alguns jornalistas não citassem os seus nomes e descrevessem, por vezes, o esplendor das suas *toilettes*; se uns quantos *reporters*, pouco meticolosos, não as confundissem em enumerações com senhoras honestas; se, n'uma palavra, não lhes houvessem dado logar e aberto caminho, essas miseras creaturas ficariam em casa, ou limitar-se-iam a frequentar sitios onde só concorresse gente da sua equalha.

Emendem-se d'estes erros os gommosos, os homens do mundo, os elegantes do Turf, os jornalistas e os *reporters*, e só assim veremos desaparecer um oitavo flagello, tão terrivel como o das vacas magras.

Agora, em conclusão, dir-lhes-hei muito aqui á puridade: a imprensa que inventou o sr. Marcos Maria Fernandes, a vintem a linha, para depois lhe annuear com dichotes réles as alegrias d'uma festa de familia, não me parece que tenha grande autoridade para exigir a expurgação da Avenida. Essa imprensa, o que deve fazer, é... expurgar-se primeiro.

C. D.

## N'UM LEQUE

Bolinhas de sabão que um leve sopro arrasta,  
Desfazem-se no ar as illusões mais puras...  
E perde a gente a noite a phantasiar loucuras,  
Bolinhas de sabão que um leve sopro arrasta!

JOAQUIM LIMA.



## AS MARAVILHAS DA SCIENCIA

## O vapor

A livraria Afra acaba de publicar em traducção portugueza aquella parte do magnotico livro de Luiz Fignier que se occupa da historia do vapor. Esteve, por tanto tempo descurada a historia das grandes invenções com todos os seus pormenores intimos, com os seus progressos maravilhosos que este livro de Luiz Fignier adquirio em França, logo que appareceu, a enorme popularidade que deve ter de certo a sua traducção em portuguez.

Quando hoje percorremos ao galope desenfreado de uma locomotiva, e no decurso de algumas horas, o espaço que d'antes só em largos dias podiamos transpôr, não nos lembramos sequer da quantidade enorme de vigílias, de luctas, de sacrificios, de desesperos que custou a gerações e gerações de pensadores e elaboração d'esse prodigio que nos proporciona tão regaladas commodidades. Percorrer a historia d'essas luctas, do vagaroso desabrochar das idéas que a pouco e pouco se foram accumulando até d'ellas sair este resultante final é de certo uma das occupações mais interessantes que podem imaginar-se, e essa dramatica viagem reserva-nos commoções e surpresas que o romance mais bem enredado não nos podia proporcionar.

No seculo I depois de Christo encontramos em Alexandria um philosopho, um physico, Héron, que se diverte a imaginar um instrumento recreativo chamado *éolypilo*, e que simplesmente consistia n'uma caldeira cheia de agua a ferver, cujo vapor punha em movimento giratorio uma esphera. Divertiam-se muito com isso as crianças de Alexandria, e abi estava a tenue aurora da grande descoberta.

Chega-se ao seculo XVII, e pouco se tem caminhado.

Brauca desenvolve um pouco a idéa de Héron. O seu *éolypilo*, em vez de fazer girar uma esphera para divertimento de quem vê, faz girar uma roda dentada, esta põe em movimento outra roda, e esta qualquer machinismo triturador. Já é uma applicação industrial.

Salomão de Caus em França, o marquez de Worcester em Inglaterra applicam o mesmo principio á elevação da agua. Aquecem a agua de um vaso, onde está um tubo, e a agua sobe pelo tubo.

Como se vê, anda-se apenas á roda da machina de Héron, mas desenvolve-se a idéa. Não se pôde porém caminhar certamente, emquanto não vieram as maravilhosas descobertas de Galileu e Torricelli, Pascal, Otto de Guericke, e o conhecimento da pressão atmospherica, da força elastica dos gazes. E' então que Diniz Papin entrevé a idéa fundamental da machinas de vapor—a de empregar o vapor de agua para fazer o vacuo dentro de um cylindro. E' curioso ver como Papin se debate em torno d'esta idéa, apanhando-o de relance, deixando-a escapar outra vez, e morrendo na miseria, depois de ter entrevisto vagamente a idéa grandiosa que lhe daria uma gloria immortal. Comtudo a sua machina em que o vacuo se operava pela condensação do vapor de agua foi conhecida em Inglaterra, criticada pelos defeitos que apresentava. O capitão Savery empregou o vapor de agua para com a sua força elastica fazer subir a agua n'um tubo.

Com este principio construiu nos fins do seculo XVII uma machina de vapor, a primeira que funcionou na Europa, em York. Era defeituosissima e não se baseava principalmente no grande principio do vacuo pela condensação do vapor, mas era a primeira, informe trabalhadora d'essas robustas filhas da industria que enchem hoje o mundo inteiro com o estrondo do seu halito.

Mas um serralheiro engenheiro, Newcomen, vio trabalhar a machina de Savery, reconhece-lhe os immensos defeitos, conversa com um sabio que lhe falla na idéa de Papin, e que lhe mostra que o motivo d'esta idéa não ser pratica esta exactamente no vagar com que o vapor de agua se condensa dentro do cylindro, resultando d'abi serem as oscillações do embolo apenas uma por minuto. Ah! se se descobrisse o meio de operar rapidamente a condensação do vapor de agua! Nada mais simples! pensa Newcomen, atira-se com uma porção de agua fria ás paredes do cylindro.

E assim se fez, e a machina de Newcomen começou a funcionar! Por não ter tido esta idéa pratica e tão simples que occorrera de repente ao ignorante serralheiro inglez, abandonara Papin a sua idéa tão fecunda, transviára-se por outros caminhos, imaginára o seu barco impraticavel, e que apesar d'isso encontrara tão violenta resistencia nos barqueiros do Weser e morrera emfim, miseravel, desamparado, quasi obscuro, emquanto a descoberta, passando por cima do seu cadaver, ia a pouco e pouco tomando forma e corpo.

A machina de Newcomen trabalhava. O embolo subia e descia no cylindro com uma lentidão magestosa, apesar dos jorros de agua que caiam incessantemente sobre as paredes exteriores do cylindro. Um dia porém nota-se que o embolo caminha de subito com muito maior velocidade. Porque?

Exminou-se e viu-se o seguinte: A parede superior do embolo era coberta por Newcomen com uma tenue camada de agua, para impedir que o vapor fugisse; mas esse embolo tinha um pequeno furo. A agua fria passava atravez d'esse buraco para a par-

te inferior do cylindro onde o vapor estava; condensava-o rapidamente, e d'ali provinha a accellerção dos movimentos. Foi um raio de luz, que fez com que Newcomen logo imaginasse um tubo terminando em ralo que injectava uma porção de agua fria para dentro do cylindro, e foi assim que no fim do seculo XVIII a sua machina funcionou com o modestissimo fim de elevar agua e nada mais.

Appareceu emfim o homem que devia dar o impulso definitivo a esta descoberta em que tantos talentos haviam collaborado. Esse homem foi James Watt. Vio elle que a machina de Newcomen tinha o defeito grave de aquecer e de esfriar successivamente as paredes do cylindro que a seu turno impediam uma parte do vapor de se condensar, e liquefaziam uma parte do vapor que entrava. No primeiro caso não era perfeito o vacuo, no segundo caso não se aproveitava toda a força do vapor. Tudo se remediará se o vapor se podesse condensar fóra do cylindro.

Foi a descoberta do condensador que tornou deveras pratica a machina, porque regularizou o trabalho, mas logo em seguida Watt lembrou-se de uma outra idéa que fundou verdadeiramente a machina de vapor.

Essa machina até abi era simplesmente atmospherica. Ou produzindo o vapor de agua chegando o lume ao cylindro, e condensando o ao tiral-o, como fazia Pepin, ou condensando-o por meio de jorros de agua, como fazia Newcomen, ou condensando-o por meio de um banho no condensador isolado, como fazia agora Watt, sempre o que se queria fazer era o vacuo por baixo do embolo, que a pressão atmospherica fazia então descer rapidamente. Depois o vapor produzido equilibrava a pressão atmospherica, e o cylindro subia puxado por um contra-peso.

Mas Watt imaginou um systema pelo qual, ao passo que o vapor que estava por baixo do embolo se liquefazia no condensador, entrava para a parte superior ao embolo o vapor que o impellia vigorosamente. Depois o vapor de cima ia para o condensador, para baixo entrava o da caldeira. Em cima o vacuo, em baixo uma pressão vigorosa. O embolo subia.

Esta machina chamada de effeito duplo era a verdadeira machina de vapor, por ser aquella em que o motor era verdadeiramente a força elastica do vapor de agua; mas que applicação podia ter semelhante machina? Continuava como a de Newcomen a tirar agua, a enxugar as minas de carvão de pedra, e comtudo era uma pena que essa força importantissima se perdesse, se inutilisasse, ou tivesse apenas tão mesquinha applicação. Como podia porem dar-se-lhe emprego industrial, se o movimento vertical do embolo não podia servir senão para levantar ininterruptamente pesos formidaveis? O que devia então fazer-se? Achar modo de transformar este movimento vertical do embolo n'um movimento rotatorio, e Watt lembrou-se logo d'esse engenho maravilhoso, cujo inventor se desconhece, engenho antiquissimo, e de que ninguém faz caso, mas que revela em quem o inventou um verdadeiro genio mechanico, a roda dos amoladores. O amolador de navalhas transforma o movimento vertical que o seu pé inprime ao aparelho no movimento giratorio de uma roda. Pois foi essa idéa que Watt applicou nas machinas de vapor, foi por um processo baseado n'um systema semelhante de articulações que o embolo, subindo e descendo automaticamente, como o pé do amolador, põe um movimento vertiginoso uma roda que o transmittio aos mais complicados mecanismos.

A gloria que Watt derivou do seu invento é justissima, porque foi elle que teve a idéa pratica, foi elle que ganhou a victoria, mas quantos predecessores caíram para que elle triumphasse? Não ha aqui, parece, uma verdadeira injustiça? Se a ha, repete-se em todas as conquistas da força e do genio. Para que tremule a bandeira dos assaltantes nas muralhas de uma praça sitiada, foi necessario que se abrissem parallelas e que muitos heroes ignorados cimentassem com sangue a terra dos cestões, foi necessario que ao pé das muralhas onde se abriu a brecha se accumulassem os cadaveres dos intrepidos que formaram as columnas de assalto repellidas, e sobre esses cadaveres subiram os vencedores, que foram acclamados, que tiveram as recompensas, que tiveram a gloria.

O que succedeu com a machina de vapor succedeu com as suas applicações importantes. Foi por acaso Fulton o primeiro que fez navegar um barco a vapor? Não de certo. O marquez de Jouffroy poz em movimento um barco de vapor que navegava nos rios. O systema que primeiro empregou era o systema palmipede com umas bandeiras que se abriam e fechavam e apresentavam a sua resistencia á força da agua como os pés dos patos; depois imaginou as rodas, pouco compatíveis com a machina de vapor de effeito simples. O seu barco apenas podia navegar, e mal, no Saone, rio de corrente raquissima. Não tardou a ser abandonado, e o marquez de Jouffroy morreu na miseria. Tyller e Symington em Inglaterra imaginaram tambem um barco de vapor que navegou n'um lago. Fitch na America inventou um barco a vapor com um systema de remos que navegou no Delaware, mas a idea pratica não estava encontrada, e Fitch, abandonado pelos capitalistas, reduzido á miseria, suicidou-se atirando consigo das ribas escarpadas do Delaware, onde sonhara a gloria e a riqueza, ás aguas que o seu navio subira. Appareceu finalmente Fulton, e quantas experiencias fez, quantos erros commetteu, a quantas despesas improficuas arrastou os seus associados, quantas vezes foi chamado charlatão, até que um dia encontrou na ligação e coorde-



nação de idéas que os seus predecessores tinham tido separadamente o segredo da applicação. O balanceiro lateral, as rodas de pás, os dois cylindros constituiram o mecanismo do primeiro barco de vapor que percorreu, com velocidade até ahi desconhecida, de dia e de noite, contra vento e corrente, as aguas do Hudson, e do que veio depois pela primeira vez da America á Europa, atravessando o Oceano!

O mesmo aconteceu com os caminhos de ferro. Quantas experiencias desastrosas se fizeram, antes de se chegar á idéa practical E, como foi necessario tambem que as proprias machinas de vapor se aperfeiçoassem, que a machina de Watt se transformasse, para se juntarem os elementos necessarios para o exito da nova applicação! Assim, primeiro quiz-se empregar o vapor nos caminhos ordinarios, e para algumas tentativas d'esse genero foi necessario que houvesse as machinas de alta pressão que dispensam condensador. Depois appareceu a idéa dos carris, empregados havia muito nas minas com a tracção dos cavallos. Emfim, a invenção das caldeiras tubulares de Marcos Séguin completou a somma dos elementos necessarios a Roberto Stephenson, para apresentar, n'esse concurso de locomotivas a que se procedeu para se adoptar o motor que melhor parecesse n'uns carris lançados entre Liverpool e Manchester, a sua famosa locomotiva o *Foguet*, que foi a iniciadora de todos os progressos maravilhosos que depois se realizaram.

E' a historia do progresso d'essas descobertas, historia maravilhosa como a das *Mil e uma noites*, dramatica e interessante como um romance de Dumas, instructiva, philosophica, e entusiastica como uma epopéa que Luiz Figuiier conta n'esse encantador volume, illustrado com estampas, que o editor Afra teve a excellente idéa de offerecer, em excellente traducção, aos leitores portuguezes.

PINHEIRO CHAGAS.

## ESTUDOS LITTERARIOS

### OS ENCYCLOPEDISTAS

Grimm

E' curioso saber-se o estranho e inexplicavel ascendente que Grimm, um philosopho de segunda cathegoria, exerceu na existencia do grande e incomparavel Diderot.

Diderot, o brilhante encyclopedista, attraie-nos a nós, mulheres, por todas as suaves e consoladoras palavras que elle espalhou na nossa escura estrada dolorosa, regada de mysteriosas lagrimas.

Foi Diderot que escreveu em uma nota *Sur les femmes*: «Amo-as mais pelas penas que nos suavizam, do que pelos prazeres que nos, proporcionam.»

Pois bem, Grimm, o inimigo irreconciliavel de Rousseau, o espião assalariado pelo estrangeiro, a alma sombria cheia de odios e de invejas sordidas foi o oraculo, o inseparavel amigo e o querido confidente de Diderot em todas as phases da sua vida, e particularmente n'aquella em que sobresaie o vulto de mademoiselle Volland, o grande amor d'esse peregrino espirito.

Como explicar a singular attracção que identifica, no mesmo laço sympathico, dois homens de caracteres totalmente oppositos?

E o que é mais extraordinario é que Diderot não ignora a maior parte dos defeitos do seu amigo!

Na sua assidua correspondencia com mademoiselle Volland, um amor prodigo em cartas, um d'esses amores que constituam o ideal da princeza de Longueville, a qual escreveu um dia: «Os amores sem cartas, são amores de creados de servir;» n'essa correspondencia, notavel sob todos os pontos de vista, Diderot allude repetidas vezes ás angulosas asperezas do caracter de Grimm.

«O meu amigo, escreve elle, é o homem mais inabordable que eu conheço. E' frio, secco e reservado, e sempre que lhe convém, desconcerta inteiramente o seu interlocutor.»

Tal é o esboço d'esse singular personagem, cujo nome está vinculado aos mais illustres nomes da litteratura franceza do seculo XVIII, satellite nebuloso dos astros de primeira grandeza, que illuminaram com a sua irradiação o mundo inteiro.

A' sua chegada a Paris, Grimm fallava um francez tudesco, quasi incomprehensivel. Foi n'essa occasião que elle se insinuou na intimidade de Rousseau e Diderot, no intuito de transformar-os em instrumentos das suas constantes intrigas.

A faculdade critica de Grimm exercia-se de preferencia na malevolencia e na aggressão facciosa.

João Jacques, conhecendo a tempo o falso amigo que intentára assenhorear-se da sua confiança, arranca-lhe a mascara em uma pagina das *Confissões*.

Em alguns estudos litterarios, publicados ultimamente, provou-se com documentos authenticos que João Jacques não exagerou nas *Confissões*, e que ficou muito áquem da verdade em

tudo que escreveu com referencia ao amante de madame d'Epinau. Diderot, com a sua grande alma independente e altiva, não podia admitir a idéa de que Grimm houvesse descido á degradação de espiar, por dinheiro, os personagens politicos.

Em uma carta a mademoiselle Volland, Diderot escreve:

«Conversei longamente com Grimm. Não pude sondar a sua alma, mas repellirei qualquer suspeita. E' sempre em seu abono que os factos obscuros se teem esclarecido. O seu procedimento assemelha-se, como duas gottas de agua, ao de Grandisson no primeiros volumes.

«Grimm não ignora que as apparencias e o juizo dos indifferentes lhe são desfavoraveis, mas pouco lhe importa. De resto, assegura-me que se alguma vez formos a Roma, explicar-me-ha, no Pantheon, o mysterio do seu modo de proceder.»

E' possivel que Grimm, no caso de ir a Roma, se confessasse ao papa, recordando-se do proverbio italiano:

*Chi va a Roma e porta un bon borsotto.*

*Diventa abate o vescovo di botto.*

Mas pelo que diz respeito ao Pontifice da Encyclopedia, o acto de contricção não foi nunca pronunciado.

Madame d'Epinau, a pretenciosa e dissimulada *bas b'eu*, feia como os sette peccados mortaes, era a digna companheira do *homme aux gros yeux troubles*, como o designa Rousseau nas *Confissões*.

Diderot, porém, prostrava-se em adoração diante do seu enigmatico amigo, chamava-lhe o seu tyranno, o seu despota, admirava-o, como se admira um espirito superior, e abandonava-lhe sem defesa o seu talento, o seu coração, o seu genio maravilhoso, de que Grimm se servia como de um degrau para subir á meta das suas ambições.

O philosopho, o erudito, o olhar de aguia, que possuia, como todos os genios, a dupla vista, defesa aos outros homens, precisava dos olhos de mademoiselle Volland para poder perscrutar o tenebroso segredo que se occultava na alma de Grimm.

Mademoiselle Volland, com o seu fino instincto de mulher intelligente, é que não se illudia.

A amante de Diderot odiava Grimm e não o occultava nas suas cartas, como se deprehe de das respostas de Diderot.

Pela sua parte, Grimm detestava-a e empenhava todos os seus esforços para invalidar a influencia da favorita, á qual o philosopho consagrava as suas horas de repouso.

Mademoiselle Volland, adivinhando sem difficuldade o alvo a que mirava a supposta amisade do Judas, votou sem corpo e alma á tarefa de esclarecer o crédulo Diderot, de libertal-o do jugo que Grimm exercia sobre elle. Pouco a pouco, o grande encyclopedista deixou-se convencer por essa doce voz feminina, que lhe fallava em nome de uma afeição verdadeira, que o dominava com a seducção irresistivel da ternura que implora e da fraqueza que supplica.

Entretanto, Diderot reage, luta contra a evidencia e defende ainda o falso amigo.

«Não, não, escreve elle, o meu amigo vale mais do que eu; ninguem póde ser-lhe comparado. Não o julgue pelas apparencias; não acceto a parcialidade com que me prefere a Grimm. Peço-lhe, minha amiga, que não estabeleça comparações entre nós ambos. Consolo-me da superioridade de Grimm, reconhecendo-a.»

Um dia, a gotta serena fere Grimm e ameaça cegal-o.

Diderot escreve n'essa occasião á sua dedicada amiga:

«Grimm vae perder a vista. Não me diga mal do homem que estremeço e ao qual, em caso de necessidade, servirei de bastão e de cão.»

Parece, porém, que Diderot se fatigou afinal d'essa passiva attitudede de fetiche de pau, insculpido no pedestal de um idolo de barro.

«Tive uma desintelligencia com Grimm, escreve o famoso encyclopedista á sua devotada confidente. Chegou aqui um joven principe de Saxe-Gotha. Era preciso visital-o, conduzil-o a casa de mademoiselle Biberon, ir jantar com elle Já não tenho paciencia para estes enfadonhos encargos. Expliquei-me cathegoricamente. Consolo-me do desgosto d'este rompimento, pela certeza que elle não seja de longa duração. Não tardará que façamos as pazes. Hontem, repetiu-se a mesma scena com o barão. Esta gente não quer que eu seja o que sou! Afastar-me-hei de todos e irei esconder-me em uma cova; ha muito que acaricio este projecto.»

Estes excerptos da correspondencia de Diderot equivalem ao mais fiel retrato que Grimm pederia legar á posteridade.

O egoismo da sua natureza, a duplicidade do seu coração, revelam-se na maioria dos factos occorridos durante a ligação dos dois amigos.

Em todos os affectos humanos, tanto no amor como na amizade, a partilha é sempre desigual; ha um que ama e outro que se deixa amar. Grimm, cujo temperamento não era accessivel á sensibilidade, deixava-se amar.

E Diderot, que não se enganava nunca, quando tinha que julgar os outros homens, illudiu-se completamente sempre que o seu coração, supprimindo o seu espirito, teve de julgar Grimm.

GUIOMAR TORREZÃO.





O IMPERADOR DA ALLEMANIA



# OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

## O Doutor Patroni

Um excentrico de raça! Um dos primeiros, senão o primeiro dos excentricos que eu conheci, entre os que tenho evocado dos tumulos para os aquecer ao sol da publicidade.

O nome completo do nosso doutor era Philippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente. Nascera na cidade de Belem capital da provincia do Pará, entre os annos de 1795 e 99 e segundo consta do «Diccionario Bibliographico», veio a fallecer no dia 15 de junho de 1866, com mais de 70 annos de idade.

O doutor Patroni foi filho do alferes Manoel Joaquim da Silva Martins, e afilhado de baptismo do chefe de divisão Philippe Alberto Patroni, de quem tomou o nome, acrescido com mais os tres appellidos Martins Maciel Parente arredondando assim a sua firma letteraria, e com ella tornando immortaes um crescido numero de obras de que logo fallaremos.

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, em cuja faculdade se matriculara em 1816, parece que a politica o tentara logo desde rapaz, porque o vemos depois de inaugurado o governo constitucional em 1820, partir para a sua patria na intenção de promover a acquiescencia d'aquella provincia á causa, e aos interesses de Portugal, como consta do opusculo intitulado «Peças interessantes relativas á revolução effectuada no Pará» publicado em Lisboa em 1821, e erradamente attribuido a Daniel Garção de Mello, que apenas fôra simples edictor da obra.

Depois de declarada a independencia do Brazil, o doutor Patroni que então se conservava ainda em Portugal regressou á patria, entrando na carreira da magistratura, exercendo diversos cargos publicos, até ser eleito deputado pela sua provincia em 1842.

Até esta epocha, ao que parece, não dera o doutor Patroni, nenhuns indicios do transtorno das suas faculdades intellectuaes, denunciado mais tarde pela extravagancia dos problemas que pretendeu resolver, pelo emaranhado dos seus raciocinios. Innocencio da Silva resume d'este modo o seu julgamento critico acerca do doutor Patroni, quando este intentou, e realisou em parte, uma edição geral das suas obras em 1851. *A original e tenebrosa sublimidade das suas concepções estava por certo mui fóra do alcance dos espiritos rudes e apocados dos portuguezes, para ser por elles comprehendida e apreciada! Pouquissimos exemplares se venderam; contribuindo talvez para isso a nimia liberalidade do auctor, que benevolmente os offertava a quem mostrava desejos de possuil-os.*

Já vimos como o doutor Patroni se enthusiasmára em 1820 pelas ideas liberaes, e partira para o Pará na intenção de fazer propaganda no sentido de conservar o Brazil unido a Portugal. Vinte e dois annos depois, Patroni virava de rumo, e eleito deputado pela sua provincia ás cortes geraes, apresentava desassombradamente a camara um projecto de lei pelo qual o Brazil era devidido em setenta e duas provincias, projecto em radical antagonismo com as ideas que defendera, pugnando pela integridade do imperio!

O presidente da camara brazileira atrapalhado com a excentricidade do projecto de lei do doutor Patroni, propunha-se a mandar sobre elle ouvir as commissões de estatistica, divisão e administração civil, quando um deputado alegre e zombeteiro, se levantou para lembrar que sobre o projecto fosse tambem ouvida a *comissão d' saud publica*, saugreato epigramma, que acabou de transtornar as faculdades do deputado Patroni.

A camara a que Patroni pertencia foi dissolvida poucos dias depois de constituida, e d'isto se queixa amargamente o deputado pelo Pará attribuindo a dissolução a haver elle dado ao imperador o epitheto de *Christo, Capitão do Imperio de Santa-Cruz, alcunhando-se a si proprio amanuense de Isaias e de Horacio!*

Desgostoso com as contrariedades parlamentares, e mais ainda por não haver obtido o logar de professor de litteratura e sciencias positivas do Imperador, que dois annos seguidos sollicitára sem resultado; resolveu-se a partir para a Europa, não sem interrogar directamente o Imperador sobre os motivos por que todos lhe faziam guerra, pergunta a que D. Pedro II respondeu dizendo: «E' por que o senhor tem altas idéas politicas que os mais não comprehendem» resposta que parece havel-o satisfeito, por que foi depois de dada que Patroni escreveu «A Cartilha Imperial» e a «Algebra politica» livros destinados a instruir D. Pedro II sobre os seus deveres de imperantel

Tratando de preparar a sua partida para a Europa, que só veio a effectuar em 1851, Patroni fez inserir em todos os jornaes do imperio em 1848 um curioso annuncio em que participava a sua resolução de vir residir para Lisboa, *acompanhado de sua mulher e sogra, e depois de haver pago todos as dividas de casa.* O seu fim, diz elle no annuncio; *é promover perante o governo portuguez, a prompta adpção do «Codigo remuneratorio do reino de Portugal» como meio de conciliar os partidos e fundar a paz interna do piz.*

O «Codigo remuneratorio» que galhardamente o doutor Patroni trouxe para Portugal, e publicou em 1851, offerecendo-o á

rainha a Senhora D. Maria II, funda-se como o auctor afirma, e ninguem mais dá por isso *«no principio inconcusso e solido da «Biblia do justo meio» baze unica da «Algebra Politica» escripta para honra de Deus e gloria eterna das nações.»*

Feita esta humanitaria declaração das razões que o trazem a Portugal, segue o annuncio dando a lista dos escravos que vai pôr á venda, e o preço que por eiles exige, conforme a venda fôr em pagamento á vista, ou a prazos ajustados.

Não podemos resistir á tentação de transcrever para aqui a maneira original com que o auctor da «Biblia do justo meio» e do «Capitulo do Golgotha» e numera as qualidades deduas pretas que vai pôr em leilão.

«Laureana «Preta mina, fulva grande carcassa de padeira d'Aljubarrota, que com a sua immensa colher de pau a mecher a panella de mingão de milho cosido a melaço dá merenda e almoço ao povo de Belem do Pará, e á noite conta á sua senhora um jornal certissimo de duas patacas por dia todos os dias que Deus dá no anno, sem falhar nunca um domingo.»

«Eusebia (Maria) «Preta creoula, trinta e seis annos, viuva sem filhos, sabe lavar, cosinhar e fiar algodão, vender na rua, e seccar arroz. Verdade seja que é uma formidavel beberona, mas a troco d'isso tem uma garganta d'anjo, o mais bello soprano do mundo, a voz de Catalani em uma palavra, e canta admiravelmente a «Salve Rainha» por cantochão.»!

Effectuada a venda da «Catalani» e da «Padeira d'Aljubarrota», o doutor Patroni partiu para Lisboa, trazendo-nos como presente o «Codigo remuneratorio» que pretendeu vender ao governo por cento e sessenta contos, promettendo de luvas *dezeseis contos de réis*, e mil exemplares da «edición completa das suas obras, a quem levasse por deante este negocio, que elle suppunha uma mina em Portugal. Como ninguem lhe comprasse o «Codigo» nem mesmo de graça o quizesse, Patroni publicou-o por sua conta e risco, e d'elle fomos encontrar um exemplar na Bibliotheca Nacional.

Creio que o leitor nos não levará a mal a transcrição que vamos fazer de tres dos artigos do «Codigo remuneratorio» nao por que sejam mais curiosos dos que os outros, mas por que dão idéa com pleta da obra com que o doutor Patroni presenteou a rainha, a Senhora D. Maria II.

### ART.º 37

«Aquelle cidadão ou estrangeiro que salvar a vida do rei, ou da rainha, estando em risco evidente de a perder, ou por enfermidade ou por cair em algum precipicio, ou em razão de ser accommittido de algum assassino, terá o premio de marquez, grã-cruz, com o tratamento de digna senhoria; bem entendido se fôr homem rico, porquanto se fôr pobre, mas não indigente, receberá por uma só vez doze contos de réis, e terá a insignia de commendador com o tratamento de excellencia. E se fôr indigente, receberá por uma só vez vinte contos de réis».

### ART.º 38

Quem salvar a vida do principe real, ou de alguma outra pessoa da dynastia reinante, será conde e dignatario com o tratamento d'alta nobreza; bem entendido se fôr homem rico, por quanto se fôr pobre, mas não indigente, receberá por uma só vez seis contos de réis, e terá as insignias do seu grau. E se fôr indigente, receberá por uma só vez dez contos de réis».

### ART.º 39

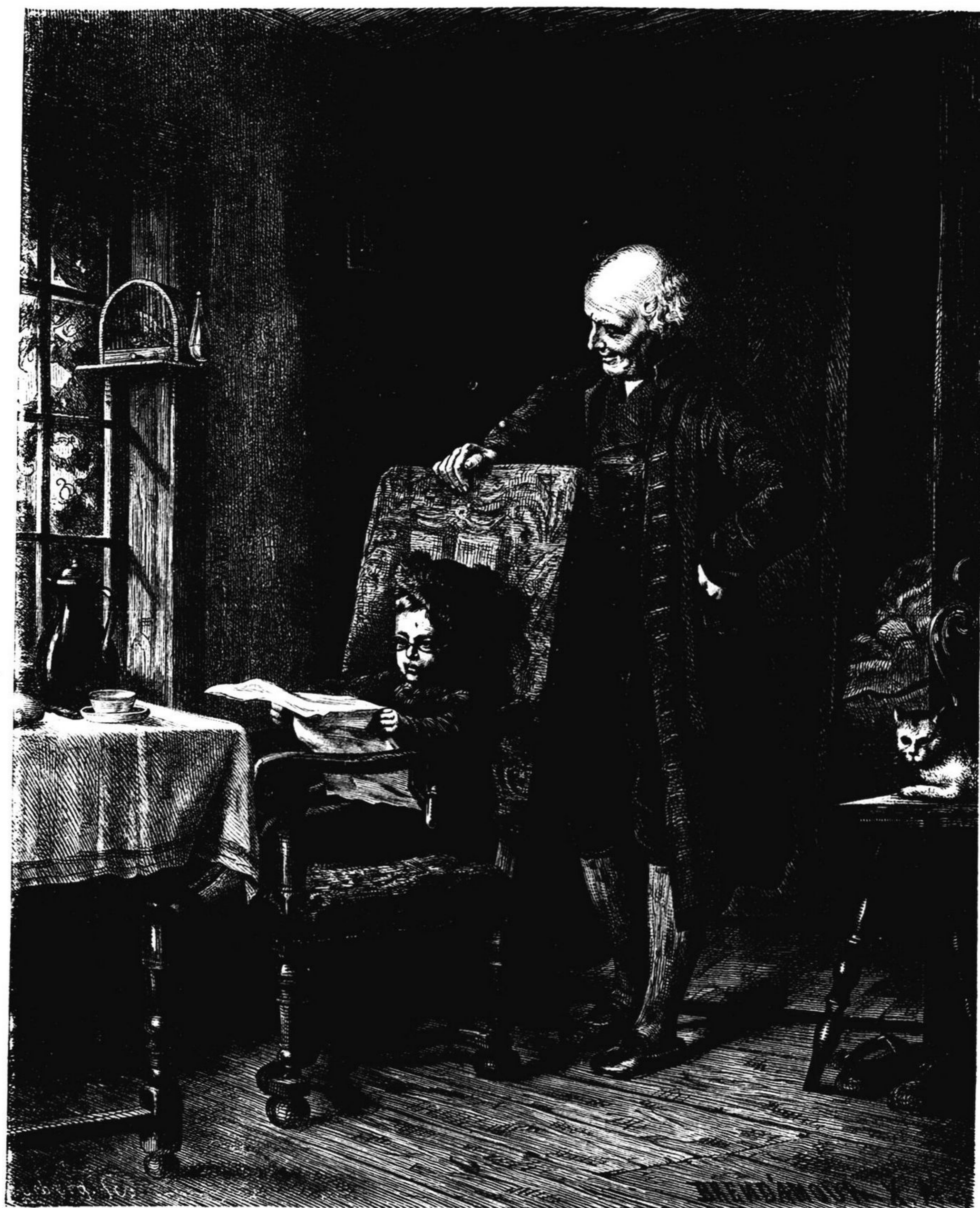
Quem salvar a vida de um par, deputado, ministro d'estado, prefeito de provincia, commandante de exercito ou esquadra, nas mesmas circumstancias do art.º 37, será commendador. Quem a de quaesquer outras authoridades superiores, ou chefes de repartição, será official. Quem a de outro qualquer homem, empregado ou não empregado, cidadão ou estrangeiro, terá o premio de cavalleiro de qualquer ordem.»

Parece impossivel que o governo portuguez não tivesse querido comprar pela bagatella de cento e sessenta contos de réis um codigo em que tudo se leva a poder de dinheiro e de veneras, e em que, como no jogo do chinquillo, em que cada pau morto vale um tanto, cada portuguez morto vale tambem um tanto, desde o rei, computado em 12 contos de réis, e uma grã-cruz; até ao par do reino e ao deputado, avaliados n'um mesquinho habito de Christo, que vem quasi a ser como julgal-os sem cotação no mercado dos fundos politicos e sociaes.

Preciso avisar a quem quizer lér as obras completas do doutor Patroni, que as encontrará, mas dispersas por diversas salas, e em catalogos diferentes, umas chrisrnadas de *politicas*, outras de *historicas*, algumas de *religiosas*, finalmente, um grande numero d'ellas de *litterarias*, quando todos deviam pertencer a uma secção especial que por emquanto não existe na Bibliotheca Nacional de *Originas opusculos*, designação appropriamente inventada pelo sr. Jayme José Ribeiro de Carvalho, a quem ninguem pode negar competencia para classificar livros que sahem das leis geraes que o senso commum impõe a quem escreve.

O primeiro livro do doutor Patroni com que topei na Bibliotheca Nacional, foi o «Prologo galeato da festa de N. S. da Na-





A INFANCIA E A VELHICE



zareth, no dia do seu cirio» e, n'elle estas engenhosas estrophes, que rivalisam com os primores poeticos do D. Braz da Silveira.

### Loa Primeira

Gloria a Deus nas alturas, e na terra  
Para sempre aos homens de *benevolencia*  
*Azazel* quer dizer: *Templo da guerra*,  
Abre-o o *carvalho* da sciencia.  
E' d'ahi que *Filippe* descerra  
Segredos da divina providencia.

O *Filippe* de quem aqui se trata com tamanha semceremonia é o proprio auctor, que descerra os segredos da divina providencia d'este modo, na

### Loa Terceira

Motta *Marques* é da terra raiz  
Que o francez no plural *dois marcos* diz,  
Emquanto que seu tio, o grão *Cardoso*,  
O quinto imperio, *Industria*, ao *Havre* envia.

As duas obras mais curiosas, mais originaes, do doutor Patroni são o «Capitulo do Golgotha» A Prophecia do novo mundo» e, principalmente, a «Biblia do justo meio».

O «Capitulo de Golgotha» é, affirma-o o auctor, uma circular por elle dirigida aos *homens esclarecidos de todas as nações, e muito principalmente aos naturaes e habitantes da Russia, da Inglaterra e de Portugal, cujos governos formam a trindade celeste do anjo architecto do Apocalypsel*»

Em 1851 publicou Patroni «A Prophecia do novo mundo» editada por um tal João Maria Augusto Castellar, que dá algumas noticias biographicas do auctor, e nos affirma com toda a gravidade que o unico livro de direito publico que o doutor Patroni reconhece é a Biblia, affirmando-nos tambem com igual gravidade que o seu auctor tinha queda para propheta, por haver em tempo prophetisado a maioridade de D. Pedro II, bem como que viria a ser deputado o director da alfandega do Pará, e assassinado o mordomo-mór do Imperador. Para fazer as duas primeiras prophecias não era de certo preciso ser um lynce. Pelo que respeita á terceira, sempre é bom saber-se que o mordomo-mór em vez de ser assassinado, foi mais tarde escolhido para ministro plenipotenciario do Brazil em Inglaterra, o que sempre faz alguma differença de morrer ás mãos dos sicarios, como a prophecia affirmava.

O editor da «Prophecia do novo mundo» affirma que o doutor Patroni era *amigo de todos os homens, e de todos os partidos politicos e religiosos, e só inimigo dos charlatães da «mamata» politica e religiosa*: querendo com o vocabulo «mamata» designar os politicos que, pela mesma epocha, eram chrismadados de *devoristas* em Portugal.

O doutor Patroni defende nas suas obras a instituição do patriato, não só por ser fundado no *systema da Santissima Trindade*, como pela razão mais solida ainda «de serem as quinas portuguezas a quinta essencia da sciencia do governo no «Octoedro Social!»

Seria injustificavel omissão da minha parte deixar de dizer ao leitor que o «Octoedro Social» composto pelo doutor Patroni para o «governo do mundo», é segundo a theoria do inventor, dividido por «oito caracteres», ou nações, a cada uma das quaes pertence uma função politica e administrativa, da seguinte maneira:

1.º—Imperador da Russia.—Ephoro do Universo.

2.º—Rei d'Inglaterra.—Chefe do Poder, 1.º ministro, sem pasta.

3.º—Presidente dos Estados Unidos da America.—2.º ministro, com a pasta do interior.

4.º—Presidente da republica franceza.—3.º ministro dos estrangeiros.

5.º—Rei de Hespanha.—4.º ministro dos negocios da justiça e ecclesiasticos.

6.º—Rei da Suecia.—5.º ministro da fazenda e impostos.

7.º—Rei da Prussia.—Pasta da guerra.

8.º—Imperador da Turquia.—7.º ministro da marinha.

Pelo disposto em um dos artigos do «Octoedro Social» a Sé apostolica do Universo devia ser fixada em Lisboa, por este facto tornada séde do mundo catholico!

Em um dos livros do doutor Patroni encontra-se a seguinte definição «de homem», a mais original que se tem dado desde Platão até os nossos dias. Oíçam:

Pergunta: «O que é homem?»

Resposta: Perguntai-o a alguém do povo mais baixo, rude, ignorante, elle vos dirá que aquelle certo corpo é «gente» ou uma «pessoa», e não «boi» nem «pedra»; elle determina a nomenclatura das pessoas pelo semblante; elle enfim vos dirá que é um homem e não mulher, porque o órgão genital masculino é a divisa da especie «homem», assim como o vaso feminino é o signal da «mulher!»

As definições do «trabalho», «governo» e «anarchia» são tambem optimas, mas longas demais para as podermos reproduzir aqui.

O doutor Patroni falleceu de uma apoplexia fulminante, na sua casa da rua da Cadeia em Belem, em 16 de julho de 1866, aonde vivia separado do mundo exterior, em companhia de sua esposa, e de uma preta que os servia, e que tzouxera do Brazil.

O «Jornal do Commercio» de 19 de julho de 1866, noticiando a sua morte dizia: «Era um escriptor singular; não se póde negar que tinha vasta leitura; mas a imaginação transportava-o a mundos ignotos, arrebatava-se no maravilhoso e mystico, e era transcendente, como os prosaderes e poetas que do inintelligivel fazem a suprema lei do bom gosto e do bom senso, vindo a ser sublimes, porque ninguem os entende, nem elles a si proprios.»

L. A. PALMEIRIM.

## OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 20 DO 3.º ANNO)

VI

### Era uma vez um Fonseca!

Effectivamente tudo se passou assim.

O plano de Antonina seguiu-se á risca.

Dias depois d'esse dialogo, o conselheiro Fonseca deu um jantar ao ministerio todo.

A amante do ministro da Fazenda fez as honras da casa e as honras da mesa com a elegancia, o bom tom, a distincta amabilidade com que ella sabia fazer as coisas, e muito naturalmente, ao jantar, guiando a conversação, com o seu espirito brilhante, começou a fallar na necessidade que sentia para a sua saude e para o seu espirito de sahir de Lisboa, de passar um tempo lá por fóra, em qualquer grande capital, cuja vida mudasse, cuja animação a distrahisse da hipochondria que começava a apoderar-se d'ella.

O Fonseca, muito bem ensinado, afinou logo no mesmo tom:

—Isso tambem eu precisava, disse elle, mas não póde ser. Ainda hontem um medico que eu consultei, por causa do fastio com que tenho andado, das insomnias que de noite me acometem, me aconselhou o repouso, as distrações, a mudança de clima e de habitos de vida.

—E precisava, isso precisava, disse logo o presidente do conselho, o Malaquias, apanhando no ar o pretexto, dando toda a sorte á capa com que Fonseca lhe accenára, mandado pela sua amante, o senhor anda abatido, está com mau parecer... Olhe, ainda hontem ou antes de hontem estive fallando com o Silveira a esse respeito, não é verdade, collega?

O Silveira, com quem o Malaquias não tinha fallado coisa alguma a esse respeito, porque a verdade era que o Fonseca estava cada vez mais gordo e mais rubicundo, percebeu logo a intenção do seu collega, e respondeu immediatamente:

—E' verdade, é, você tem-nos preocupado muito, seu Fonseca, e sinceramente, se não fosse a falta enorme que nos faz a nós e que faz ao paiz, eu, não como seu collega, mas como seu amigo, já o tinha aconselhado a que descansasse por um tempo.

—Vé? O que lhe dizia eu ás vezes, sr. Conselheiro? dizia Antonina para o Fonseca. V. Ex.ª anda muito esquisito, muito adoentado, não é para estes trabalhos violentos.

—Mas que heide fazer?

—Primeiro que tudo está a sua saude; disse sentenciosamente Antonina.

—Não lhe dé maus conselhos, minha senhora, disse o conselheiro Malaquias, sorrindo.

—Eu bem queria dar a minho demissão, ponderou o Fonseca.

—Não fallemos em demissões, atalhou logo o Silveira... o senhor entrou comnosco, só comnosco sahirá.

—Um homem politico deve-se ao seu paiz, sentenciou o presidente do conselho.

—Isso será muito boa politica, mas muito má amisade, disse Antonina.

Depois a conversa tomou outro rumo.

Entretanto a bomba estava lançada e mais tarde ou mais cedo devia produzir o seu effecto.

Logo depois de jantar, o presidente do conselho, vendo Antonina sentada, sosinha, n'um sophá, accercou-se d'ella.

Depois de trocadas entre os dois umas banalidades quaesquer, o conselheiro Malaquias abordou a questão:

—E' verdade, e voltando ao assumpto, agora que elle nos não ouve, olhe que eu não gosto nada de ver o Fonseca.

—Nem eu, respondeu logo Antonina, sorrindo lá por dentro de ver triumphar tão depressa o seu habil expediente, o seu bem combinado plano.

—Aquillo não está bem, minha senhora, continuou o conselheiro Malaquias.



—Não está, não, mas os senhores entendem que elle deve sacrificar a sua saúde, o seu bem estar, a sua vida talvez...

—A sua vida, pode muito bem ser, interrompeu com voz cava, sinistra, de mau presagio o presidente do conselho.

—A sua maldita politica...

—De maneira nenhuma entendo isso, emendou logo o conselheiro Malaquias, eu disse aquillo para não o assustar, mas primeiro que tudo está elle, está a sua saúde.

—Ah! então pensa como eu?

—Já se vê que sim. Elle faz-nos muita falta, faz, mas é necessario que descance, que se retire d'esta vida activa que dá cabo d'elle.

—Mas como ha de ser isso se os senhores lhe tiram da cabeça a que dá demissão?

—Para o não assustar, repito. Então não vê que elle, que é um pouco esmorecido, ficaria desanimado se desse a demissão de ministro, para vir para casa tratar-se? Isso não pôde ser.

—Mas então...

—Espere ahi. Vamos a ver se podemos combinar aqui alguma cousa entre nós ambos e o Silveira, que é o seu intimo.

E voltando-se para o lado onde estava o ministro do Reino, chamou:

—O' Silveira! Silveira!

—Eu? perguntou o Silveira, pondo-se de pé.

—Sim, ande cá.

—O que é?

—Sente-se aqui.

O Silveira sentou-se ao pé dos dois.

—Nós estávamos aqui fazendo uma conspiração...

—Uma conspiração? O' demonio, não me diga isso a mim que, como ministro do Reino, tenho de lhe lançar a policia no encalço.

—Tratavamos do sr. conselheiro Fonseca, explicou Antonina.

—Ah! coitado! está muito em baixo, muito disse, logo o Silveira, entrando a tempo. Ao jantar não comeu quasi nada.

—E' por isso mesmo, apoiou o Malaquias, é necessario que elle descance, que elle se trate.

—Indispensavel! Indispensavel! disse Antonina.

—Tambem me parece, confessou o Silveira.

—Mas como ha de ser isso? perguntou o Malaquias...

—O que elle precisava era saber d'aqui, mudar de ar, de vida, disse Antonina, accentuando muito; foi mesmo o que o medico lhe aconselhou...

—Espere ahi, lembrou o Silveira, se nós o mandassemos para fóra, para uma embaixada qualquer?

—Exactamente! Exactamente! approvaram ao mesmo tempo Antonina e o Malaquias.

E este continuou:

—Lembra muito bem, homem. Podemos mandal-o para Londres e manda-se o nosso ministro em Londres para o Brazil.

—Isso mesmo...

—A coisa está agora na maneira de lhe propor isto, disse o Malaquias.

—Olhem, lembrou Antonina, os senhores inventam qualquer necessidade urgente d'ir uma pessoa de confiança para Londres.

—Dizemos-lhe que é um grande serviço que elle nos faz indo para lá, accrescentou o Silveira.

—Isso, isso, de modo que elle não perceba que é por estar doente, concluiu radiante o conselheiro Malaquias.

E voltando-se para o Silveira, lembrou mais:

—E damos-lhe um titulo bom? O titulo de conde...

—Exactamente, approvou logo Antonina, que não se tinha lembrado. Parece-me que assim vae tudo ás mil maravilhas. Os senhores fallam-lhe n'isso, e eu cá em casa, apezar de não ter nenhuma influencia n'elle, insisto em que accéite, em que descance.

—Bom, então está combinado, pactuaram os tres.

E n'essa noite, quando sahiram de casa do Fonseca, o Malaquias e o Silveira riam a bandeiras despregadas:

—Hein? Como nós nos vimos livres d'elles! Apanhámos a coisa no ar.

Ao mesmo tempo, lá em casa, a Antonina e o Fonseca riam tambem como perdidos, murmurando:

—Que patetas! cahiram como uns patinhos!

GERVASIO LOBATO.

## SONHO IMPURO

(A FRANCISCO BASTOS)

A luz do luar transforma a ruina mais grosseira  
N'um palacio radiante e cheio d'esplendor,  
Onde um monarcha antigo, entre a turba guerreira,  
Depois d'uma victoria enorme e carniceira,  
Afunda o corpo exausto em turbilhões de amor.

Assim, ao vêr baixar sobre a minh'alma escura  
O teu felino olhar, ó pallida sereia,  
Vejo erguer-se ante mim, até immensa altura,  
Um palacio onde posso, estranha creatura,  
Comtigo renovar as noites de Caprèa...

Coimbra, 1886.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

## CHRONICA DOS THEATROS

Theatro de D. Maria: A Martyr

Na vida alegre de estudante, vida um tanto aventureosa e bohemia, cortada aqui e acolá de pequeninas scenas encantadoras, desacostuma-se a gente dos seus habitos, ainda os mais antigos, para se entregar completamente á mercê caprichosa do destino.

Eu não fiz excepção. Ha comtudo uma coisa de que não pude desabituar-me: por mais que faça, qualquer que seja a disposição do meu espirito, não posso dormir sem ler pelo menos uma hora.

Seja Bernardim Ribeiro ou Theophilo Gauthier, o *Diario de Noticias* ou Byron, não importa: o que é preciso, o que é absolutamente necessario, é lêr qualquer coisa, seja o que fór.

Na terça-feira passada fui assistir á primeira representação da *Martyr*, drama francez de Ennery, traduzido pela sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão.

Em seguida ao espectáculo, vim para casa e deitei-me. Tomei um livro ao acaso: eram as *Poésies Nouvelles* de Alfred de Musset, n'uma pequenina edição Charpentier, de 4 francos o volume, illustrada com *agoas-fortes* de Leopold Flameng e de Landelle.

Abri ao acaso e achei-me em frente dos deliciosos alexandrinos *Une soirée perdue*, um dos mais bellos trechos do cantor de *Rolla*.

Principiei a lêr: e ao cabo da primeira estancia, fiquei verdadeiramente encantado por encontrar em magnificos versos a resposta a uma pergunta que se fizera a mim mesmo, não havia ainda muitas horas.

Ao ver as estrondosas ovações que se faziam ao drama de Ennery, tinha eu perguntado: porque será que toda esta gente se commove tanto? porque será que eu mesmo estou quasi a commover-me?

Musset respondeu-me:

«Étais seul, l'autre soir, au Théâtre-Français,  
«Ou presque seul; l'auteur n'avait pas grand succès  
«Ce n'était que Motièrre, et nous savons de reste  
«Que ce grand maladroit qui fit un jour *Alceste*,  
«Ignore de bel art de chatouiller l'esprit  
«Et de servir à point un dénoûment bien cuit.  
«Grâce à Dieu, nos auteurs ont changé de méthode,  
«E nous aimons bien mieux quelque drame à la mode  
«Ou l'intrigue, enlacée et roulée en feston.  
«Tourne comme un rébus autour d'un mirlitou.»

Effectivamente: aquelle grande entusiasmo pelo dramaturgo francez era o resultado da nossa pessima educação theatral. Actualmente, um drama que faça humedecer os olhos das rapariguinhas romanticas, tem uma carreira segura, um caminho interminavel de applausos.

A nossa plateia não quer obras d'arte: o que ella quer são commoções fortes.

E' justamente por isso, que Ennery se tornou tão sympathico aos olhos das nossas plateias, que o adoram com um delirio cego e entusiastico.

Ninguém como elle sabe enleiar com tanta violencia a attenção do publico: as situações dos seus dramas são bem calculadas, os seus desenlaces inexperados; os seus enredos labirintosos e complicadissimos; e quando o publico, ao fim das scenas mais extraordinarias, perde de todo a cabeça e fica immobilizado á espera de um desenlace terrivel, então Ennery vibra certamente o desejado *mot à la fin*, com tanta originalidade que o publico rompe n'um applauso nervoso e entusiastico.

Ennery não é um littererato: é um dramaturgo.

Se o seu talento litterario fosse proporcional ao seu talento dramatico, Ennery seria o primeira escriptor theatral do nosso tempo.

Não ha ainda um anno que se representou em D. Maria o *D. Cezar de Bazan*, do mesmo auctor, que foi brilhantemente recebido: comtudo, todos os applausos que essa comedia recebeu, ficam a perder de vista ao pé da ovação extraordinaria que se fez na *premièr eda Martyr*.

Eu, pelo menos, nunca assisti a um entusiasmo tão prolongado e ardente: de instante a instante as *palmas* e os *bravos* rebentavam de todos os cantos, enchendo o theatro de uma desusada animação.

Para isso concorreu poderosamente o desempenho d'este drama que foi realmente brilhante.

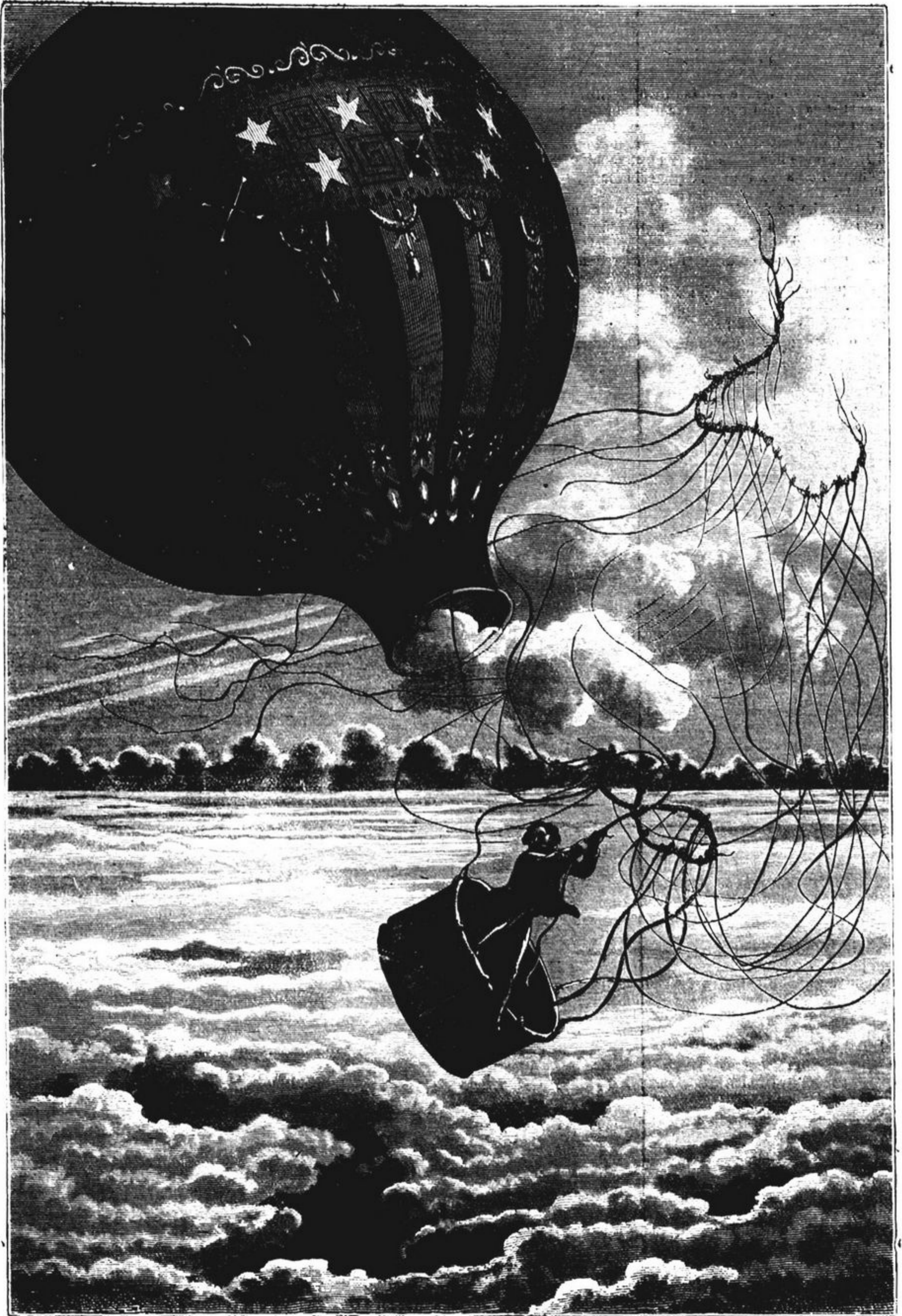
Virginia e Rosa Damasceno com uma suprema correcção.

Virginia, uma das nossas mais brilhantes glorias theatraes, tirou effeitos surprehendedentes do seu papel difficillimo e violento.

Poucas vezes tenho visto um trabalho tão completo: a sua voz musical e vibrante, a sua dicção natural, e sobretudo os seus grandes olhos negros, todos estes elementos unificando-se intimamente, conseguiram reproduzir com uma fidelidade espantosa aquella mulher exemplar e digna, como Ennery a concebeu.

Virginta é uma artista de primeira ordem: os seus bellos olhos meridionaes tem o dom supremo de reproduzir brilhante-





NAUFRAGIOS AEREOS



mente as emoções mais delicadas e subtis, desde a alegria terna e serena até a convulsão do hysticismo e aos desvarios da loucura.

Das scenas mais insignificantes até ás mais complexas e difíceis, o seu trabalho é sempre correcto, quando não é constantemente brilhante: mas o desempenho do seu papel de *Martyr*, sobretudo na scena final do 2.º acto, excede todos os outros de que se tem encarregado.

Rosa Damasceno houve-se tambem á altura da sua grande reputação artistica, sendo para notar a scena do 3.º acto, em que ella mostrou todos os recursos do seu grande talento.

Carolina Falco e Emilia dos Anjos, muito bem.

João Rosa, o melhor que é possível. O seu papel, d'uma grande violencia e d'uma extrema responsabilidade, foi interpretado superiormente.

O seu trabalho na *Martyr*, que é dos mais completos que eu lhe tenho visto, bastaria para fazer a reputação de um artista.

Eduardo Brazão, muito bem, como sempre. O seu papel, curto, mas d'uma enorme difficuldade, foi comprehendido excellentemente.

Antonio Pedro, engraçadissimo. De instante a instante, o publico festejava-o com grandes applausos, ao mesmo tempo que soltava as gargalhadas mais francas.

Augusto Antunes, Posser e os demais artistas, todos com muita egualdade e talento.

Terminando: o desempenho da *Martyr* foi brilhante; isto não é uma affirmação pessoal, é uma cousa que todos sabem.

E. DE C.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### LEITE BASTOS

Apoz largo tempo de dolorosissima enfermidade, que lhe trouxe a desgraça, acaba de fallecer em Lisboa este conhecido jornalista e escriptor popular.

Leite Bastos tinha o talento espontaneo, sem esmeros de linguagem, que enche folhas, que enche resmas, que amontoa volumes, que fórma bibliothecas para entretenimento do povo. Assim é ler as suas narrativas no *Occidente*, sobre typos populares de Lisboa, do tempo da sua vida agitada; *Os crimes de Mattos Lobo* e de *Diogo Alves*,—romantisações dos horrorosos dramas do Corpo Santo e das Aguas livres,—o *Incendiario da Patriarchal*, drama com que Antonio Pedro fez beneficio no Gymnasio, e finalmente, para não completarmos um catalogo, o romance *Miravilhas do homem pardo*, continuação da *Corda do enforcado* de Ponson du Terrail. N'este livro, Leite Bastos imitou com tal arte a maneira litteraria do celebre romancista francez, que todos julgaram que as *Miravilhas do homem pardo*, que vinham a ser novas transformações e mystificações de Rocamble, eram obra da fertil imaginação que durante uns poucos de annos forneceu leitura ás classes me'ias da Europa. E no entanto, a França não conhece similhante trabalho!

Como jornalista, foi o primeiro reporter do *Diario de Noticias*. A' sua actividade e intelligencia, e á sua natural disposição para esse genero de trabalho, na imprensa diaria, deveu em parte, aquelle jornal, no seu começo, a grande procura que teve.

Leite Bastos, dotado de um genio independente, collocando a sua vontade e o seu modo de ver acima de todas as conveniencias, foi tambem um excentrico. Isso originou, sem duvida, uma grande parte das contrariedades da sua vida, que hoje só tinha horas de tristeza.

### O IMPERADOR DA ALLEMANHA

O imperador Guilherme é o soberano mais velho da Europa: vae completar 90 annos em 22 de março proximo futuro. Apesar de haver attingido essa idade avançadissima, e de soffrer de quando em quando os achaques proprios da velhice, o respeitavel monarcha continua a zombar da acção destruidora do tempo e parece disposto a viver mais de um seculo.

Ainda ha poucos dias, quando varios jornaes e telegrammas do estrangeiro o davam por morto, em consequencia d'um catarrho rebelde que soffrera, o dr. von Laner, seu medico assistente, enviava para o *New-York Herald* o seguinte boletim:

A saude do imperador, é, em geral, perfectamente boa, de corpo e alma. As forças corporaes não lhe faltam nunca para os trabalhos moderados e rasoaveis. A percepção, a intelligencia, o juizo, a resolução e a vontade funcionam bem; a memoria é admiravel.

Uma idade tão avançada dá logar, como se sabe, a certas dis-

posições morbidas, mas que não são, por agora, d'uma importancia essencial, nem justificam os receios experimentados.

Em resumo: o estado de saude do imperador é tal que,—a menos que não haja qualquer incidente imprevisto—S. M. poderá ter ainda muitos annos de vida e de actividade.»

A bem da paz da Europa, fazemos votos para que esta prophcia se realise.

### A INFANCIA E A VELHICE

E' singelo o quadro; e todavia, representa um encantador contrastel! Dois personagens apenas; dois personagens, que symbolisam os extremos da vida,—o velho que olha saudoso para o passado, a creança que defronta descuidosa com o porvir! E comtudo, tão dissemelhantes em condições, como aquelles dois entes se comprehendem e se completam! A creança dá aos cansados dias do velho o raio de sol de alegria, que este lhe retribue com a sombra protectora da reflexão e da madureza.

Prende-os talvez o laço do parentesco; são avô e neto, duas gerações que teem por traço de união um filho que é pae.

No momento em que o pintor os surpreheudeu, fixando-os na tela, no momento em que nós os vamos surprehender no quadro, preparára a creança um lance, que faz as delicias do ancião; imitára-o, fizera-lhe a parodia. Era o epigramma da senectude escripto pela travessura infantil. O dom da imitação é o caracteristico d'aquellas abençoadas edades; imitando brincam, e, não raro, imitando aprendem.

Pois bem, o pequenito faz a sua scena de comedia, representando o papel do avô: surprehendera-lhe os habitos, copiara-lhe os gestos, reproduzira-lhe os accessorios. Eil-o empoleirado na veneranda poltrona, onde o ancião passava as suas horas de leitura, e em que a creança a custo consegue erguer os cotovelos até á altura conveniente para os apoiar nos braços da cadeira; tomara-lhe o barrete orlado de pelles, com que o avô aquece as temporas já despovoadas de cabellos; cavalgara no pequenino nariz os oculos que ao velho corrigem a natural presbytia; mordera o pipo do cachimbo, que no lento revoltear dos annos fôra gastando os dentes e deformando o queixo do ancião; tomara o jornal, que elle cada manhã lia com pausa e saboreava com prazer; e sobre tudo isto, e para que fôsse completa a comedia, assumira o ar grave e serio do avôsinho.

E' encantador o quadro. Os accessorios reforçam a idéa de beatitude, que se espalha na scena.

### NAUFRAGIOS AEREOS

A nossa gravura representa a queda do aereonauta, La Mountain, do seu balão, occorrida ha annos em Iona, nos Estados-Unidos.

Todos os jornaes da Europa e da America narraram este horroroso desastre.

O desgraçado tivera a infeliz ideia de suspender a barquinha, não a um systema de cordas que enlaçassem o balão, mas a uma serie de cordas independentes umas das outras e atadas a um disco collocado na parte superior do balão.

La Mountain elevou-se acima d'umas nuvens, não muito distantes do solo e atravez dos intersticios das quaes se avistava da terra. As cordas não tardaram a approximarem-se umas das outras e reuniram-se, provavelmente, de modo a deixar sabir para fóra a maior parte do globo aereo. Fosse como fosse, o certo é que o disco superior foi arrancado e o balão fugiu! La Mountain foi precipitado com a barquinha: viram-n'o agarrar-se convulsivamente a esta, que cahiu para o solo com uma velocidade indescriptivel.

La Mountain largou-se da barquinha a uma distancia de cem metros do nivel terrestre, e o seu corpo veio esmagar-se, n'um campo, na presença de muitas mil pessoas. Este desastre arrancou lagrimas aos espectadores. A maior parte das mulheres desmaiaram.

O corpo do aereonauta incrustou-se no solo e fez n'elle uma cavidade d'alguns centimetros de profundidade. Os ossos foram esmagados pelo choque, e alguns, mesmo, ficaram reduzidos a pó.

### SAMOYÈDES

Os samoyèdes são os habitantes d'uma região arida ao norte da Russia, na penninsula Kanin. Esta parte do grande imperio não tem nem aldeias, nem estradas, nem campos, nem mesmo nome.

Os russos chamam-lhe:—*Terra dos Samoyèdes*. Estende-se a norte e a este, desde os muros d'Arkhangel e desde as aguas do cabo Kanin, até aos vertice dos Urals e até ás Portas de ferro do mar de Kara.

Em muitas partes do seu solo as neves são eternas, e a sua costa, que se estende para o Oriente n'um comprimento de perto



de 700 leguas, é, durante oito mezes do anno, defendida por muralhas de gelo.

Os samoyèdes alimentam-se de carne crua de rangiver, e são verdadeiros selvagens. Diz-se que gostam de carne humana, mas isso não está ainda sufficientemente provado.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

No campo mortifica este homem—2—1  
 Não se segura no homem este animal—1—1  
 Na musica é amavel esta ave—1—2  
 Este verbo suspende na casa—1—1  
 Na musica é engano e medida—1—2  
 Este instrumento suspende esta ave—1—1

Leiria

JOSÉ DE SOUSA BENTO JUNIOR.

CHARADA CONIMBRICENSE

Na primeira vertical,  
 Tendo a ultima trocado,  
 Julgo ser muito provavel  
 Que um rio seja encontrado.

Na segunda vertical  
 Quem attento procurar,  
 Um *sujeto* bem incommodo  
 Desconfio que ha de achar.

Agora somos chegados  
 A' primeira horisontal,  
 Que significa cidade  
 E da Russia, por signal.

Na segunda horisontal  
 Procurando com cuidado,  
 Encontrareis um parente  
 Inda que um pouco afastado.

A primeira diagonal  
 E' celebre historiador,  
 —Com o qual muito duvido  
 Que acerte o nosso leitor.—

Na segunda diagonal  
 —Agora então perca a esp'rança!—  
 Vé-se famoso poeta,  
 Uma das glorias da França.

MATHEUS JUNIOR.

### Decifrações

Das CHARADAS NOVISSIMAS:—Solda—Regato—Camello—Sipó—  
 Poeira—Capua—Ruybarbo.

DA CHARADA EM VERSO:—Celeridade.

DA CHARADA EM QUADRO:

Ma	ri	a
ri	hei	ra
a	ra	ra

DO LOGOGRIPHO:—Alcmano.

DO ENIGMA:—São mais as vozes que as nozes.

## A RIR

No tribunal da Boa Hora:

—Accusado, diga-nos a razão porque matou sua mulher?

—Porque a nossa vida em commum tornava-se insupportavel, sr. juiz.

—Mas podia ter-se separado, podia ter requerido o divorcio...

—Era impossivel... tinha lhe jurado que só a deixaria depois da sua morte!...

## UM CONSELHO POR SEMANA

SABAO EM PÓ PARA A BARBA

Farinha de trigo..... 1 parte  
 Sabão branco dessecado e pulverisado..... 1 "

Mistura-se muito bem, e aromatiza-se com um oleo essencial ou qualquer pó odorifero.

# O PANCADA

(COSTUMES POPULARES)

Ha pouco tempo, a policia ergueu do lodo do aterro um cadaver de mendigo; conduziu-o, segundo a praxe, á casa mortuaria da Misericordia, e de lá foi-lhe dado o destino conveniente.

Tão friamente como a policia, o jornalismo destinou 5 linhas para mencionar o facto, por dever profissional. O grosso publico, como agora se diz, ficou ignorando quem era o homem e porque se suicidara sem esperar pelo menos pelas portentosas obras do porto artificial de Lisboa.

Oral fóra precisamente por causa das obras, não do porto, mas do embelezamento da cidade, que elle se suicidara. Vamos contal-o, mercê do fervor que temos de fazer contos, ao passo que os jornaes só teem o de fazer noticias.

O velho que appareceu morto no lodaçal do Aterro, não era um ignorado, nem um mendigo. Era o Pancada, um typo popular, *habitué* dos botequins da Mouraria, nos ultimos 20 annos.

O Pancada, alcunha pittoresca posta pela rapaziada do sitio, e que significava—homem telhudo, era um velho original mas honesto. Jámais arranchara a uma gatunice. A policia respeitava-o, porque o sabia honrado e protegido por casas opulentas no commercio, de cujas esmolas vivia. Os gatunos e faiantes consideravam-no, porque mais de uma vez tinham notado que sabia ouvir e calar, predicados estes que não são tão faceis como á primeira vista parece. Alem d'isso, o Pancada, que tinha uma esplendida calligraphia ingleza, e a mão firme como um rapaz, estava prompto a escrever quantos requerimentos, memoriaes, cartas, etc., lhe pediam, mediante o modesto tributo de um *bock*, um café, genebra ou tabaco para o seu cachimbo d'ebano. Seria levar muito longe a panadaria na mola, recusar aos rapazes (expressão d'elle) taes deferencias.

Podemos dizer, com propriedade, que o Pancada continuava nos nossos dias o typo lendario do memorialista antigo que, na praça publica, sentado a uma mesa e armado de uma enorme penna de pato, depennava os mesmos... tangendo a epistolographia mais audaciosa e inflammada das paixonetas avoengas.

Mercê das posturas municipaes e outras heresias publicas, tendentes a varrer tudo quanto ha de pittoresco n'uma cidade que presa as tradições, o memorialista de que um dos ultimos representantes foi o leal Pancada, tende a desaparecer no pó.

\* \* \*

A historia do nosso heroe, cujo nome proprio era José das Neves, escreve-se em quatro pennadas.

O homem na sua mocidade, tivera uma regular educação. Filho de negociantes abastados, viajara muito quando rapaz. Succedeu ao seu progenitor na sua casa commercial; mas natureza artistico-contemplativa, sonhando mais do que conviuha a um singelo importador de bacalhau e outros generos, teve, para escapar á banca-rotta, de trespassar a sua casa e gosar o rendimento do resto da sua fortuna.

A convulsão politico-social porque vinha de passar o reino, inspirava pouca segurança á collocação do capital; forçoso foi pois confial-o á proverbial honestidade da firma bancaria Brother's Sons, de Londres, e ir viver na grande Albyon. Estava porém escripto. As antigas e acreditadas casas, principaes exportadoras de chitas e pannos crus das fabricas de Manchester, não podendo luctar com o desenvolvimento da cultura do algodão nos Estados Unidos norte-americanos, cairam victimas do progresso, e no medonho *crac* foi-se o resto da fortuna do José das Neves, ficando o homem desgraçado mas sempre contemplativo e bom.

Era vel-o quando regressou ao patrio Tejo. Umas botinas inglesas cambadas, a calça clara de quadradinhos, quasi pelo meio da perna. Uma sobrecasaca no fio, abotoada até a gola, a barba crescida como de um porta-machado, com o fim de occultar a ausencia da gravata e a *alvura* da camisa. Na cabeça um tremendo zabumba. As mãos a abanar, ao estylo do bairro pobre de S. Gil, ou bairro irlandez de Londres.

Tiveram muito dó d'elle os que o conheceram, visto que a infelicidade é uma porta de ferro que fecha todas as recordações.

Se o José das Neves, até esta data, com meios para viver, fora um inutil, imagine-se o que não seria quando regressou á patria. Foi então que principiou a frequentar os *cafés de lepes*, pela semelhança que lhes achava com os *public-houses* londrinos.

As scenas asperas, o elemento popular, a liberdade de expressão, a musica desafinada, a canção brejeira, o forte cheiro: a fumo, café e aguardente, a atmospheria tepida sobretudo, traziam-lhe á memoria de negociante *declassé*, uma fortissima recordação do Tamisa.

Para nada faltar, via as ruidosas amantes dos faias, ostentando o seu impudor e as suas saias engommadas, ao lado dos seus imberbes D. Juans. A's segundas feiras, tinha o prazer de admirar a ingenuidade saloia das lavadeiras abançadas a tomar café com aguardente, attrahidas pela musica de um piano arrasa



do e pelas *cantigas* dos meliantes, frequentadores d'aquelles antros.

Completava-se o circulo das sensações do nosso bohemio, quando via entrar os nossos perspicazes *police-men*, n'uma rusga teatral, que havia sido pela manhã largamente annunciada nas gazetas.

Nos labios descorados do Pancada, passava então um sorriso d'ironia, e murmurava com esse profundo humor britannico:

— *Goddam!* Isto é que é fazer policial...

• • •

Des'isou-lhe assim a vida durante 20 annos de botequim, lendo os diarios, ouvindo com diligencia a opinião de toda a gente

no meio de uma imparcialidade de pedra; vendo dar facadas e partir copos; ouvindo planear roubos e vendo occultal-os por detrás do balcão; observando tudo e todos. Typo famoso e lendario, viu-se um espectáculo estranho. O Pancada, com o vicio de um *clubman* atacado de *spleen*, não podendo acclimar-se n'outra parte, passava as noites na rua, á chuva e ao frio, passeando na Carreirinha do Soccorro, e interrompendo-se apenas para ir bebericar.

— O botequim subiu-lhe á cabeça, coitado! Está ali, está em Rilhafolles, dizia a gente do bairro ao passar junto d'elle.

Um dia, o Pancada, entrando na Carreirinha e procurando com o olhar avido o seu presado botequim, soltou um rugido e estendeu os braços como que a querer impedir um sacrilegio.

E' que elle vira distinctamente um grupo de pedreiros, demolindo as paredes do botequim.



SAMOYÈDES

a quem ninguem queria mal, porque o povo sempre teve o seu fraco pelos typos excentricos.

Homens, creanças e mulheres, familiarisara-se tudo com o Pancada, o qual de mais a mais, não pedia nada a ninguem, e sabia fallar correntemente com os marujos inglezes, o que lhe dava uma extraordinaria superioridade em toda a Mouraria.

De repente, principiou a fallar-se da demolição dos casebres da Carreirinha do Soccorro, e quando tal leu nos jornaes, o Pancada, tornou-se mais sombrio que do costume. Elle amava particularmente o botequim asqueroso que ficava na esquina ao fundo do theatro do Principe Real e que foi demolido em nome da moralidade e da hygiene. Aquella espelunca infecta, salpicada pela lama da rua e encravada em tascas de má nota, era o seu paraizo; por isso, desde o dia em que a camara fechou o botequim,

Era superior ás forças d'um Pancada. Retrocedeu e desatou n'uma carreira furiosa, phantastica, inacreditavel, atravez da cidade. Nunca mais o viram no sitio.

Podera! O desgraçado tinha-se ido lançar ao rio, e tanto a imprensa como a policia, julgando tratar-se de um mendigo, envolveram-no no silencio banal da noticia *de um cadaver*.

Ainda hoje, as creanças, quando veem ao longe um typo que se parece com elle, gritam logo:

— O' mamã, ahí vem o Pancada!

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica